

*Morangão* e *morango* achamos no Padre Bluteau, sem exemplos de uma ou outra pronúnciação. *Morango* parece que é hoje a usada.

*Mordicação* e *mordificação* se acha nos livros de medicina, mas não *mordificar* em vez de *mordicar*.

*Mosaico* [pintura] e não *moisaico*, como já adverte o Padre Bluteau.

*Mosarabe* e não *mosarabico* achamos na Mon. Lusit. tom. 3. pag. 243, e na Historia dos Bispos de Lisboa, part. 2. pag. 80.

*Moscada* [noz] e não *noscada*, como de ordinario dizem até os que não são povo.

*Mosqueleiro* e *mosquiteiro*. O primeiro é soldado armado com *mosquete*. *Mosquiteiro* é armação de leito para evitar o incommodo dos mosquitos.

*Mostra* [de panno, seda &c.] acho sempre nos bons auctores, e não *amostra*.

*Moto* e não *mote*, como hoje se diz, chamou sempre João de Barros e outros antigos áquellas breves sentenças que punham nas Empresas os cavalleiros. Em D. Francisco Manuel já achamos *mote* na mesma accepção de sentença na divisa.

*Movedor* por *motor* traz Barros na Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 140: « Principal *movedor* desta guerra » &c. Não tivemos duvida a usar ainda hoje desta pronúnciação.

*Mugiganga*. A pronúnciação genuína é *bugiganga*, trazendo talvez a sua origem dos gestos ridiculos dos bugios.

*Murena* [peixe] e não *mureia*, como hoje se diz, quer o Padre Bluteau que se pronuncie. Como não allega exemplo, não basta que em latim se diga *murena*.

*Mussulmão* e *mussulmano* [nome turco] se acha nos nossos Auctores, viageiros do oriente.



*Nazaréo* por *nazareno* se acha no poema da Destruição de Hespanha Liv. 2. est. 7: «E que professa a lei do *nazaréo*» &c. Não se deve usar.

*Negridão* e *negrura* são pronunciações que estão em uso; porem *negridão* tem mais ancianidade na Lingua.

*Negrume* e não *negregume*, como erradamente se diz. Vieira, tom. 4. pag. 310: «Que *negrume* é aquelle?»

*Nephritica* [dor] e não *neufritica*, como vulgarmente se diz.

*Nonnada* [coisa de nada] diziam os bons antigos. Hoje pronunciamos *nónada* com accento agudo no o.

*Nudeza* e não *nudex* disse Fr. Antonio das Chagas nas Cartas Espirituaes, tom. 2. pag. 43: «Pondo-se com *nudeza* de espirito, despida de tudo o que é creatura e não é Deus» &c. Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 258, usou de *nueza*: «Lastimado de sua miseria e *nueza*» &c. Hoje parece que *nudex* ou *desnudex* é a pronunciação dominante; mas eu não me opporia a quem tambem dissesse *nudeza*.

*Nutritico* por *nutritivo* dizem alguns, especialmente medicos, que tambem usam de *nutrimental*. Vid. a Recopil. de Cirurg. pag. 150, e Curvo nas suas Observações pag. 362. Não os devemos seguir. Os modernos dizem, v. g., *succo nutricao* ou *nutritivo*.

*Obsequias* por *exequias* achamos em Fr. Bernardo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 30: «O grande acompanhamento com que celebram as *obsequias*» &c. O uso já não soffre esta pronunciação.

*Océano*, com o a longo e não [breve], como affectadamente pronunciam alguns. Em poesia poderá a penultima fazer-se breve.

*Oda* e não *ode* diz Bluteau quasi sempre que falla nesta especie de poesia. Não sabemos em que bons exem-



plos se fundou para tal pronúnciação, a qual, se a hou-  
ve, era certamente já muito antiquada no seu tempo. Se  
se fiou na auctoridade de Philippe Nunes, que na sua Ar-  
te Poetica escreveu *oda*, muito menor peso lhe devia fa-  
zer o exemplo de tantos poetas, aos quaes imitando Se-  
verim nos seus Discursos pag. 104 sempre disse *ode*.

*Oleroso* por *cheiroso* apenas se sofre em poesia.

*Olivel* por *livel* é pronúnciação viciosa, que só na  
plebe se ouve.

*Olmo* e *ulmo*. Este segundo modo de pronúnciar era  
dos antigos Classicos; o primeiro é o que prevalece nos  
que melhor escrevem. Serrão, Meth. Lusit. pag. 134:  
«Barrotes de carvalho e *olmo*» &c.

*Omistiquio* por *hemistiquio* traz D. Francisco Manuel  
nas Obras metricas, tom. 2. pag. 158: «Numeros, *omis-  
tiquios* e *sizuras*» &c. Não percebemos o bom fundamen-  
to para esta pronúnciação.

*Ondado*, cousa que imita ondas, e não *ondeado* di-  
ziam aquelles que melhor fallaram. Cabello *ondado* e  
louro se acha em Camões, na canç. 14. est. 3.

*Opinavel* por *opinativo* achamos atéqui só em Auc-  
tores de pouca nota na propriedade da lingua. Crysol.  
Purificat. pag. 422. «Inda que não fôra mais que pro-  
vavel, ou *opinavel* sua filiação» &c.

*Oppresso* e não *opprimido* achamos diversas vezes no  
tom. 1. da Mon. Lusit. «Como desagravava os *oppres-  
sos*» &c. pag. 21. Hoje esta pronúnciação mais se ha de  
sofrer em poesia, do que em prosa.

*Orladura* por *orla* já se não diz; e só se poderá usar  
como termo da armeria, dizendo á maneira dos antigos  
a *orladura* do escudo &c.

*Ostaria* [por caza de pasto] e não *ostearia*, diz sem-  
pre Gaspar Barreiros na sua Corograf. e é mais confor-



*Parricida*. Não só é aquelle que matou a seus pais, mas aos seus parentes mui chegados, ou ao prelado ecclesiastico, que tambem é pai espiritual. Com tudo achamos em portuguez *fratricida* por matador do irmão; *reicida* por matador do rei, e *deicida* pelos judeus, que mataram a Christo. Exemplos destas palavras se acharão em muitos, especialmente em os nossos juristas, os quaes para irem coherentes dizem tambem *fratricidio*, *reicidio* e *deicidio*. Não impugnamos estas deducções; mas só dizemos, que bastava dizer *homicida* para significar o matador de qualquer homem, e *parricida* o dos pais, irmão, rei, e Deus, porque se verifica nelles a razão, ou de parentes estreitos, como v. g. os irmãos, ou de pai, como por exemplo o rei, e Deus, segundo acima dissemos. *Matricida* ainda o temos por pronunciação mais estranha, porque é mais escusado, visto denotar *parricidio* morte de pais.

*Parvidade* e *pravidade* facilmente se confunde na pronunciação, tomando *pravidade* por cousa pouca, e *parvidade* por cousa má: o contrario é que é acerto.

*Pascer* por *pastar* se acha em Vieira no tom. 1. pag. 568. « Os sabores de quanto nada no mar, e *pasce* na terra » &c. Lucena, Vida de Santo Xavier, pag. 269. « *Pasceriam* apar o lobo, e o cordeiro » &c. Em Camões, e Barros tambem se encontram exemplos.

*Pasquim* [satira] e não *pesquim*, como diz o vulgo. Vem de *pasquino*, famosa estatua em Roma, na qual é costume pregar satiras.

*Pastorear*, mais seguido do que *pastorar*, de que usou diversas vezes Vasconcellos na sua Arte Militar, pag. 18, 80 &c. Seguiu a Barros, que na Decad. 1. pag. 19 disse. « Seu certo comer é leite do gado, que *pastoram* » &c. Está antiquado, segundo os mais escrupulosos.



*Palamar* da escada, ou *pataréo* e não *patamal*, como erradamente pronunciam muitos.

*Paternal* por *paterno* é pronúnciação que ainda está em uso; o que não succede a *maternal*, que se vai antiquando.

*Pecureiro* e não *pegureiro*, diz Bento Pereira no *Theouro da Lingua Portugueza*.

*Pederneira* mais seguro do que *pedernal*, que só entre os poetas está ainda hoje bem recebido.

*Pegajoso* por *pegadiço* traz o Padre Lucena na *Vida de Santo Xavier*, pag. 419. «E quam *pegajoso* mal é este» &c. Hoje commummente usa-se de *pegadiço* para explicar doença que facilmente se communica: e de *pegajoso* para denotar cousa humida, e crassa, que com facilidade se pega a outra.

*Pendulo* por *pendente* não é pronúnciação segura, postoque Bluteau allegue com o livro de Canonisação da Rainha Santa Isabel, que diz na pag. 360. «Não cabia o concurso nas janellas, e nas praças estavam *pendulas* dos telhados as pessoas» &c. *Pendulo* entre nós outros é palavra facultativa da phisica.

*Penitenciario*; temos por mais portuguez *penitencieiro*, mas de qualquer dos modos se pode pronunciar.

*Pentem* do cabello: sempre assim pronunciarão os bons antigos: hoje diz-se *penite*. Estão os criticos ainda pela pronúnciação antiga.

*Peoria* mais seguido ao presente do que *peoramento*, não obstante dar Bluteau a entender que sente o contrario.

*Perda* e não *perca*, como erradamente diz a plebe.

*Perennal* por *perenne* já se não pronuncia, não obstante o exemplo de Camões na Ode 1.<sup>a</sup> «Oh quanto melhor fôra, que dormissem um somno *perennal*» &c. Fr.



Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 231 diz tambem. « Fazem *perennialmente* os espiritos angelicos » &c.

*Periferia* [termo geometrico] com a penultima longa, e não breve, como erradamente fez Nuno Barreto no seu Poema ao Evangelista, cant. 6. est. 18. « A *periferia*, de que é centro a terra » &c.

*Peripecia* [termo poetico] com a penultima longa pronuncia Bluteau. Nós como não podémos ainda descobrir esta palavra em bom poeta portuguez [porque só os versos tiram bem taes duvidas] estamos pela auctoridade do douto vocabulista.

*Perlenga* [voz familiar]. Os antigos diziam *perlongas*. Assim o achamos diversas vezes em Sá de Miranda. Na Eclog. 2. diz. « Tu cançaste de fallar, não quero gastar *perlongas* » &c. E nos Dialogos traz igualmente. « Mas em quanto te respondo, e estamos nestas *perlongas* » &c. Dizer *perlenda*, como alguns dizem, é mais erro, do que voz antiquada.

*Perpetana* de peixe, e não *barbatana* disse Barros na Decad. 3. pag. 103, mas é pronunciação inteiramente antiquada.

*Perpetuizar*, e *perpetuizado* em vez de *perpetuar*, e *perpetuado*, só o achamos em Auctores taes como Manuel Tavares no seu Ramalhete Juvenil, Lyra 1.<sup>a</sup> pag. 59., e 82.

*Personal* em logar de *pessoal* disseram muitos dos nossos classicos. Ainda o uso o não desamparou.

*Persuadivel* mais do que *persuasivel* acho nos textos de auctoridade.

*Pesadumbre*, e *pesadume*. A primeira pronunciação achamos em Chagas dizendo nas Cart. Espir. tom. 2. pag. 131. « Com gravidade, e sem *pesadumbre* » &c. O



segundo modo de pronunciar lemos na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 126. « Nenhum genero de *pesadume* sentia » &c. Muitos hoje nem uma nem outra pronunciação admittem, tendo a palavra por antiquada.

*Pestanear* e não *pestanejar*, se acha em Vieira no tom. 3. pag. 125. « Se olham de fito em fito para o sol sem *pestanear* » &c.

*Pestifero*: melhor é pronunciar *pestilencial*, ou *pestilente*, porque a terminação em *ifero*, e em *igero*, de que usam os latinos é pouco propria da indole da nossa lingua, se bem que algumas palavras tem por necessidade admittido com tal pronunciação. Mais proprio della é dizer *saudavel*, que *salutifero*; fructuoso, que *fructifero*; mortal, que *mortifero*; cheiroso, ou fragrante, que *odorifero*; guerreiro, que *belligero* &c. Estas terminações alatinadas só tem bom logar na linguagem poetica.

*Pctitorio* tem melhores exemplos do que *peditorio*, que hoje commummente dizem todos.

*Phatiosim* e *emphyteusim* tem bons exemplos, mas D. Francisco Manuel, seguindo o uso dos nossos melhores juristas, preferiu *phatiosim*, dizendo galantissimamente nas suas Cartas, pag. 750. « Lá sou em *phatiosim* lançado para esse Brasil » &c.

*Philomela* e *philomena* achamos nos poetas. Camões diz sempre *philomela*, e Sá de Menezes duas vezes *philomena* na sua Malaca conquistada. Liv. 1. est. 81. e Liv. 8. est. 11. Mas não se deve seguir, porque não ha para que mudar a terminação latina, que Camões e outros abraçaram.

*Pientissimo* e não *piadosissimo* disse Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 245. Col. 3.; mas não se deve nesta palavra seguir a este classico, porque se oppoem o uso.



*Pilastra*, termo de architectura, e não *pilastre* disseram aquelles que melhor fallaram desta arte.

*Pibula* [palavra medica] com rasão diz Bluteau, que não ha palavra na nossa lingua, que se pronuncie com mais variedade, por que uns dizem *pilora* outros *pirola*, outros *pildora*, e outros *pilola*. Nos nossos livros de medicina, escriptos com mais correctã propriedade, como são [segundo Bluteau] as *Observações de Curvo*, a *Correcção dos Abusos* &c. e outros, achamos *pibula*, e esta pronunciação temos por melhor, como mais conforme á latina *pilula*.

*Pintacilgo* e *pintaxilgo*. O primeiro modo de pronunciar é de Vieira, dizendo no tom. 6. pag. 242. « Porque me hei de contentar de dar a Deus a alvorada, como um canario ou *pintacilgo*, se o posso fazer como um serafim?»

*Pintaxilgo* é de Manuel de Galhegos, Auctor respeitavel, dizendo no seu *Templo da Memoria*. Liv. 4. Sext. 12. « O *pintaxilgo* que é do ar serêa » &c. Seguimos a Vieira e reprovamos a pronunciação daquelles, que dizem [como Madureira na sua *Orthographia*] *pintasilgo*, terminando assim, porque os castelhanos dizem *sirguero*.

*Pipitar* e *pipilar* [voz das aves quando pequeninas]. Não sabemos o fundamento, porque alguns criticos, segundo Bluteau, pertendem que nas aves o *pipitar* seja voz com queixa, e *pipilar* voz com alvorço. O que temos observado é, que ellas em quanto pequeninas não passam de dizer *pi pi*, e já mais lhes ouvimos o pertendido *t*, e *l*; motivo porque muitos tem para si, que não *pipitar* nem *pipilar*, mas *pipiar* é a onomatopea mais genuina. Como a *Arte da Caça* nas pag. 7., e 90 diz *pipitar*, não dirá mal quem seguir este bom exemplo, que tem mais peso que o da *Insulana* de Manuel Thomaz, onde achámos *pipilar*. Liv. 6. est. 64.



*Planicie* e *planura* são pronúncias de que usou João de Barros: « Em o cume della faz uma *planicie* em redondo » &c. Decad. 3. pag. 26. « Uma terra sobre outra, que no cimo faz uma *planura* » &c. Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 154.

[*Pluriz* e não *pleoriz*, como achamos no Castrioto Lusitano, pag. 401: seu auctor é de tão pouco credito em linguagem, como em estilo.

*Plural* ou *plurar*, como achamos no excellente livro, *Regras da Lingua Portuguesa*, em que jámais se usa da terminação em *al*. Para assim dizer, achou seu auctor bons exemplos em João de Barros e outros. Como as palavras Latinas que acabam em *alis* terminam em portuguez em *al*, e não dizemos *pluraridade*, mas *pluralidade*, não é tão seguida a terminação em *ar*.

*Poente* [parte occidental do mundo]. Barros na Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 2. disse *ponente*, e em outros muitos logares da sua Historia se acha a mesma pronúncia. Foi seguida por outros Classicos, mas antiquou-se sem fundamento.

*Polícia* dizem uns com a penultima breve, outros *policía*, á maneira dos italianos, carregando no segundo *i*. Os bons modernos seguem a primeira pronúncia.

*Polypo* [termo medico] com a segunda breve, porque assim a tem no grego e latim. Vulgarmente faz-se longa, seguindo-se sem fundamento a pronúncia franceza.

*Portacollo* [termo forense] e não *partacollo*, como erradamente pronuncia o vulgo.

*Prantada* por *plantada* é pronúncia que já hoje se não admite, sendo aliás de Vieira no tom. 2. pag. 3.

*Prazenteiro* [por alegre] e não *presenteiro*, como todos dizem. *Presenteiro* é quem faz presentes.

*Precito* e não *prescito*, como alguns dizem, achamos



em diversos logares das Obras de Vieira. « Muitas vezes sáe despachado o pretendente, porque é *precito* » &c. tom. 1. pag. 349.

*Pregoeiro* e *apregoador* ambos tem exemplos em Vieira. De *apregoador* [que é em que póde haver duvida] usou elle no tom. 10. pag. 86, onde diz: « *Apregoador* de suas grandezas &c.

*Prematica* e não *pragmatica* diz Jacinto Freire no Liv. 1. n.º 69: « Com a severidade que dispozer a *prematica* » &c. Não faltam mais exemplos.

*Prenhe* mais seguro do que *preñhada*. *Prenhez* e não *preñhidão*, posto que seja de bons auctores antigos.

*Prenome* e *pronome*: apenas vejo praticadas estas duas diversissimas pronunciações, antes a cada passo as observamos confundidas. *Prenome* é aquelle titulo que precede ao nome, v. g., *dom*, que precede ao nome de muitos fidalgos. Barros na Decad. 4. pag. 233 diz: Entre os de Maluco ha um *prenome* de honra, que é *cachil*, como entre nós *dom*, e dizem *cachil* Daroes, *cachil* Vaidua » &c. *Pronome* [termo grammatical] é uma dicção que se põe em logar do nome proprio e appellativo para evitar repetição » &c.

*Preposição* e *proposição* tem entre si uma differença que está pedindo não equivocar na pronunciação o *pre* com o *pro*. *Preposição* é termo grammatical de vozes que se prepõem a outras: e *proposição* é termo logico, ou cousa que se propõe.

*Preposito* é o prelado de qualquer casa religiosa. *Proposito* é deliberação de fazer alguma cousa, e assim não se confundam [como a cada passo succede] estas pronunciações, porque é erro substancial.

*Presepio* tem exemplos mais seguros do que *presepe*. Observe-se a Fr. Luiz de Sousa em infinitos logares da



sua Historia, e a Vieira, Classico em que jámais achamos *presepe*.

*Prestadio* e não *prestativo*, como erradamente pronunciam muitos que não querem ser contados no numero do vulgo.

*Pretensor* por *pretendente* dizia Brito. Entre outros logares veja-se no tom. 2. da Mon. Lusit. a pag. 230: « Dizendo ao *pretensor* que não era justo » &c. Ainda hoje o seguem os que melhor fallam.

*Previdencia* e *providencia* equivocam muitos, como se fosse uma mesma cousa. *Previdencia* é a acção de prever as cousas; e *providencia* é o conhecimento que Deus tem *ab æterno* dos meios com os quaes a creatura se ha de dirigir ao seu fim com vontade do mesmo Deus de dar a seu tempo estes meios para conseguir o seu fim &c. Em um logar de Vieira no tom. 8. pag. 107 vemos observadas estas duas diversas pronunciações, dizendo: « Aqui se vê a *providencia* e a *previdencia* do nosso divino defensor. » Com esta differença não se confundirá tambem *prover* com *prever*, nem *previsão* com *provisão*.

*Previsto* e *prevenido* pela maior parte não significam o mesmo, posto que alguns Auctores o confundam. *Previsto* é o prudente que se prepara para o que póde succeder. Chagas, Cart. tom. 2. pag. 196: « Que vos custa não serdes já muito destra e muito *prevista* » &c. Comummente ainda que *prevenido* signifique tambem *prever*, toma-se por *preparado* para fazer determinadamente uma cousa. Vieira tom. 1. pag. 456: « Fez a sua confissão como a trazia *prevenida* » &c.

*Primacia* e *primazia* não é o mesmo. *Primacia* é prioridade ou vantagem em ser primeiro. Esta definição é de Vieira no tom. 1. pag. 438. *Primazia* é a dignidade de primaz, ou excellencia em alguma cousa.



E' definição também do mesmo Classico no tom. 1. pag. 169.

*Primogenitor* em lugar de *progenitor* se acha em Vieira no tom. 1. pag. 348, onde diz: «David, Salomão e outros reis seus *primogenitores*» &c. Porém *progenitor* tem mais exemplos de igual auctoridade.

*Produtor* e não *productor* é de Duarte Ribeiro de Macedo, escriptor de correctissima linguagem, no seu Panegyrico á Casa de Nemurs, pag. 23: «Virtudes facilmente *produtoras* de acções reaes» &c.

*Profetar* por *profetizar* é de João de Barros em diversos logares das suas Decadas, e foi seguido por bons Auctores assim no verso como na prosa. Não tiveramos duvida a usar também desta pronunciação.

*Profundar* e não *profundear*, que se acha na Vida do Irmão Basto da Companhia de Jesus pag. 382.

*Prolixidade* e não *proluxidade*, assim como *prolixo* e não *proluxo*, salvo se for na accepção de *impertinente*, porque em tal caso o uso fez passar o *i* para *u*.

*Propôr* e *prepôr* é para muitos o mesmo, quando *propôr* é representar com razões, e *prepôr* o mesmo que *preferir*. Fallará com acerto quem disser: *propuz* para o officio a Paulo e a João, mas *prepuz* a Paulo.

*Prosecução* achamos sempre em Fr. Luiz de Sousa, querendo exprimir a acção de proseguir em alguma cousa. *Proseguimento*, que se acha em varios livros, é erro.

*Provimento* e *provisão* [fallando-se em cousas comestiveis] ambas as pronunciações tem exemplos. Hoje neste sentido já alguns duvidam dizer *provisão*, mas, segundo outros, sem fundamento.

*Prurido* ou *pruido* é o que achamos nos Classicos, e não *prurito*, como dizem alguns modernos com pronunciação inteiramente latina.



*Pulverisar* e *pulveroso* dizem uns; outros *polverisar* e *polveroso*. Os que pronunciam do primeiro modo, como é o auctor da *Polyanthea Medica*, buscam a pronunciação latina de *pulvis*: os que dizem do segundo modo seguem a derivação do castelhano *polvo*. Um destes foi Sá de Menezes na *Malaca Conquistada*, Liv. 9. est. 127: «Cançado, *polveroso*, horrendo e feio» &c.

*Puridade* por *pureza*, que se lê nas *Antiguidades de Lisboa*, pag. 91, não se deve usar. *Puridade* entre os melhores *Classicos* era o intimo segredo de pessoa real. Donde vinha chamar-se *escrivão da puridade* ao primeiro ministro de quem os reis fiavam os seus intimos segredos.

*Quadrupedo* ou *quadruplicado*, e não *quatropedo*, como dizem muitos, enganando-se com algum fundamento, visto ser palavra que significa cousa multiplicada quatro vezes.

*Quadrupede* e não *quadrupe*, postoque se ache em *Barros*, *Decad. 1.<sup>a</sup>* pag. 154, porque a desapprovou o uso das idades que se seguiram.

*Quarteto* [especie de poesia] e não *quartete*, ainda que se ache muitas vezes em *Filippe Nunes* na sua *Arte Poetica*, porque o não temos por auctor seguro.

*Quebrantador* das leis, pazes &c. melhor do que *quebrador*, como se dizia em outro tempo.

*Queixume*: postoque usassem desta palavra *Francisco Rodrigues Lobo* e *Jacinto Freire* em diversos logares das suas *Obras*, o uso moderno a deu por antiquada, e prevalece dizer-se *queixa*.

*Querellar* e *querella* [termo forense] e não *crelar* e *crela*, como vulgarmente dizem os ignorantes.

*Querenar* e *querena* e não *crenar* e *crena*, á maneira do vulgo. *Barros*, *Decad. 1.<sup>a</sup>* pag. 13: «deu *querena*



á caravella » &c. Vieira, Palavr. de Deus Empenh. pag. 23. « Saíu do Tejo a armada *querenada* de ouro » &c. *Quicá* e não *quicás* ou *quicais*, como diziam os antigos. Não sei o fundamento com que os modernos antiquaram esta palavra, usando della tantas vezes o polidissimo Jacinto Freire, Classico moderno, de cujas palavras entendia eu que ninguem poderia duvidar, e que só na pronunciação de alguma é que entraria duvida, por ter prevalecido outro uso.

*Quigila* [antipathia ou especie de odio] e não *quigilia*, como diz o vulgo, do qual é propriamente esta palavra.

*Rabalde* diziam communmente os antigos: hoje prevalece a pronunciação de *arrabalde*.

*Rabeca, rabecão, rabequista* é pronunciação mais segura do que *rebeca, rebecão e rebequista*, por ser a que com outros seguiu Bluteau. Porem ao segundo modo de pronunciar não faltam tambem patronos, dando a este instrumento musico a derivação de *rebet*, que na lingua celtica val o mesmo que *rebeca*.

*Raciocinio* [segundo o P. Bento Pereira] é mais seguro do que *raciocinação*.

*Ralo* e não *raro* chamam muitos a um panno de fio delgado e de tecedura transparente. Creio que se pegam ao exemplo de Plauto, que no mesmo sentido disse — *tunica rala*. — Em Portuguez os bons exemplos que com frequencia achámos são de *raro*, v. g., barba *rara*, materias *raras* &c. Até ao bicho vulgarmente chamado *ralo* chamam os Auctores Classicos *raro*. Mas todavia com a auctoridade de Fr. Luiz de Sousa não censuramos aos que dizem *ralo*.

*Ramalhete* e não *ramilhete*, como dizem alguns cul-



tos. Para assentarmos nesta pronúnciação, consultámos a Bluteau, porque não achámos exemplo classico; quando não duvidamos que se descubram muitos.

*Ranger* melhor do que *rangir*. Ulyss. cant. 3. est. 69: «*Ranger* os duros ossos que estalavam» &c. *Ringir* é erro crasso.

*Ranunculo* [flor] e não *rainunculo* ou *reinunculo*. Varel. Num. Vocal pag. 297: «Como o *ranunculo* de Sardenha» &c.

*Rapazia* e não *rapaziada*, como vulgarmente se pronuncia, se acha nos versos jocosos de D. Francisco Manuel, e nos Romances de Antonio da Fonseca Soares. De *rapaziada* ainda não achei algum exemplo.

*Rapinar* e não *rapinhar*, que traz Bluteau, sem allegar outro exemplo senão o do livro *Successos Militares*, pag. 71, cuja auctoridade não é de peso.

*Rareza* em lugar de *raridade* traz a Corte na Aldeia no Dialog. 7. pag. 150: «A *rareza* do ouro lhe dá maior valia» &c. Não está hoje em muito uso.

*Rasgão* dizem os modernos, mas os bons antigos diziam concordemente *rasgadura*, e não falta ainda quem os siga.

*Rasoar* e *rasoado*, que se acha em bastantes Auctores, segundo os frequentes exemplos da Ordenação do Reino, está hoje antiquado, e deve-se dizer *arresoar* e *arresoado*.

*Rastear*, *rastejar* e *rastrear*. De qualquer dos modos se poderá dizer, porque cada uma destas pronúncias tem exemplos da primeira auctoridade. *Rastear* é de Vieira no tom. 3. pag. 441: «Quando querem *rastear* de algum modo a realeza do banquete da gloria» &c. *Rastejar* é de Brito na Mon. Lusit.: «*Rastejou* uns longes desta batalha» &c. *Rastrear* é de Jacinto Freire,



pag. 155: « Sem que os nossos podessem *rastrear* no intento » &c.

*Rasto e rastro.* Barreiros na sua *Corographia*, pag. 197 disse *rasto*: a mesma pronunção acho em Barros, *Decad.* 3. pag. 252: « Determinou ir pelo *rasto* delles, e assim o fez » &c. O mesmo seguiu Brito no tom. 1. da *Mon. Lusit.* pag. 302: « Descubrir por todas as vias algum *rasto* de conjuração » &c. Pelo contrario D. Francisco Manuel nas suas *Cartas*, pag. 71 disse: « Taes e tantas obras sem *rastro* algum de merecimento » &c. Serão no seu *Methodo Lusitano*, que escreveu [segundo muitos] com linguagem correcta, seguiu a mesma pronunção, a qual parece que tambem favorece Jacinto Freire, visto dizer *rastrear*, como acima mostrámos.

*Raz* [panno de armação]. Não seria talvez reprehensivel quem ainda, imitando a alguns dos nossos *Classicos*, pronunciasse *Arraz* por ter sido fabricada na Cidade de Arraz a primeira tapeçaria que appareceu neste reino. Mas em fim o uso sincopou esta palavra, e deve-se fugir á affectação de fazer valer pronunções antiquadas.

*Razoavel, rasonavel e racionavel*, tudo achamos com exemplos, porem temos por mais seguros os que patrocinam *rasoavel*. Com tudo não duvidamos que tambem os achem bons os que pronunciarem pelos outros dous modos.

*Rebeldia e rebellião*, segundo alguns criticos, não se devem pronunciar indifferentemente. Querem que *rebeldia* se applique com mais propriedade ás paixões que se rebellam contra a razão; e que *rebellião* sirva para o levantamento de um ou muitos vassallos contra o seu legitimo senhor. Eu não sei que haja exemplos para prova desta differença; o que sei é que ella se acha a ca-



da passo alterada pelos bons escriptores no sentido figurado.

*Rebentar*: outros pronunciam *arrebentar*. Esta segunda pronunciação, não sendo a que tem os melhores exemplos, é a que hoje domina entre muitos.

*Reção* e não *ração* acho em alguns Classicos. Vieira no tom. 2. pag. 335: « Lançam-lhe ao tubarão um anzol de cadeia com a *reção* de quatro soldados » &c. Lobo, Corte na Aldeia, pag. 147: « Levantava-se de noite a furtar a *reção* a seus proprios cavallos » &c.

*Receado* em lugar de *receoso* não se diz. Achamo-lo na Vida de S. João de Deus, pag. 85: « Não espera tímido ou *receado* » &c.

*Recocto* em lugar de *recozido* traz Barros na Decad. 3.<sup>a</sup> pag. 142: « No cume das montanhas viam jazer a neve, e alguma declinava a côr celeste, de mui antiga e *recocta* » &c. Porem o uso antiquou esta pronunciação.

*Recoleição* em vez de *recolhimento* é de Fr. Luiz de Sousa em diversos logares da sua Historia de S. Domingos: « *Recoleição* das potencias, dos sentidos, da alma » &c. *Recolhimento* está mais em uso.

*Recreação* é muito mais seguro do que *recreio* entre aquelles que estudam em ter boa pronunciação, seguindo os textos da Lingua.

*Recruta* e não *recluta* quer o Padre Bluteau que se diga, porque este termo militar, que não tem entre nós muita antiguidade, foi tirado do francez *recrue*. O trazer o Portugal Restaurado *Recluta* e *reclutar* diz o mesmo Padre que são erros da impressão. A mesma sentença dá a favor de D. Francisco Manuel, attribuindo a erro alheio o dizer este nas Epanaphoras, pag. 181: « Sobre *reclutar* o antigo mandou levantar um novo terço » &c.

*Rectitude* em vez de *rectidão* é pronunciação que não



teremos por portugueza, em quanto a não acharmos em auctor de mais auctoridade do que a que tem o Padre Fernandes, que usou della no tom. 2. da Alma Instruida, pag. 89.

*Recurvar* o corpo, por *encurvar*, traz diversas vezes o Agiologio Lusitano; mas não é pronunciação seguida, posto que se chegue á origem latina mais do que *encurvar*.

*Redemir* em lugar de *remir* não tem [a meu ver] exemplo classico. Em Vieira são muitos os logares em que achei *remir*. Imitou-o Jacinto Freire na pag. 20: «As praças do Estreito, as quaes sempre *remiriam* em ambos os successos» &c. Item, Liv. 1.: «Vieram offerrecer as vidas que lhes havia *remido* com a nova indulgencia do tributo» &c. Até na Ordenação do Reino sempre se acha *remir*. Veja-se entre outros o Liv. 4. tit. 13. §. 7.: «Póde o devedor *remir* o penhor» &c.

*Reditos* e *rendimento* tem sua differença, porque não obstante significarem ambos *renda*, *reditos* tem uso e propriedade em bens que são da igreja; e *rendimento* nos que são meramente do principe ou de seus vassallos. Veja-se a Brito no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 327 col. 3.

*Redomoinho*, *rodomoinho*, *redemoinho* e *remoinho*. De qualquer destes modos se acha escrito. *Redomoinho* tem Bluteau por melhor que *rodomoinho*, mas não dá razão que convença. *Redemoinho* tem a seu favor João de Barros na Decad. 3.<sup>a</sup> pag. 122: «Por toda a corôa daquelle monte havia uns *redemoinhos*» &c. E porque se não ha de seguir esta pronunciação, tendo um exemplo tão classico, e que o uso ainda não antiquou? *Remoinho* é do vulgo.

*Rodopio* e não *corropio*, como pronuncia o vulgo nos seus particulares modos de fallar; v. g., andei n'um *corropio* &c.

remir e  
perfano;  
redemir;  
redigido.  
(sic - remir)  
por  
fou



*Refião e rafião* são pronunciações erradas: *rufião* é a genuína com as auctoridades de Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 5., e de D. Francisco Manuel em diversos logares das suas Obras. Vem da palavra italiana *rufiano* e não do *rafeiro*, como alguns sonharam; e talvez que pelos seguir dissesse *rafião* o Padre Bento Pereira na sua Prosodia. No plural deve-se dizer *rufiães* e não *rufiões*, postoque se ache no Dialog. 15 da Corte na Aldeia, porque foi erro da impressão, pondo-se o em lugar de a.

*Reflexar* em vez de *reflectir* se acha em Faria na Fonte de Aganippe, centur. 5. sonet. 20: «Empregavam a chamma luminosa, que nelle *reflexava* pressurosa» &c. Não se deve seguir.

*Refrega* e *Refega*, que muitos confundem, segundo outros não é o mesmo. *Refrega* é briga e conflicto. Na Malaca Conquistada, Liv. 2. est. 125: «E a seu lado nas bellicas *refregas*, o valor do seu braço eternisára» &c. *Refega* é pancada de vento breve e rija. Insulan. Liv. 2. est. 91: «As *refegas* do Ethesias apressadas nas implacaveis ondas atrevidas» &c. Porem na opinião de alguns criticos, não obstante a variedade da pronunciação, *refrega* val o mesmo que *refega*, e essa pancada de vento breve e rija é no sentido figurado o mesmo que *briga* e *conflicto*.

*Registro* e não *registo* é o que se acha nos Auctores de boa nota. Vieira, tom. 1. pag. 308: «No livro estão *registradas* as mercês» &c. Da mesma pronunciação usa Lobo na Corte na Aldeia pag. 302: «Ninguem traz as paixões mais *registradas* que o pretendente» &c.; e na pag. 104. Dialog. 5. diz: «Deixar passar esta mercadoria sem *registro*» &c. Do mesmo modo se deve pronunciar a chave da bica, fonte, tanque &c. Vieira, no



tom. 1. pag. 865 : « São os nossos olhos duas fontes, cada uma com dous canaes e com dous *registros* &c. Temos por erro da impressão achar-se *resisto* no tom. 4. pag. 302, onde diz : « O *resisto* no agude » &c.

*Relampaguear* : outros dizem *relampejar*, e outros *relampear*; porem nós só da primeira pronunciaçãõ achamos em Bluteau exemplo, postoque não classico, qual é o do livro, Escola das Verdades, verdade 7.<sup>a</sup> §. 7. : « *Relampaguee* a estes olhos com mais claras luzes a verdade » &c.

*Relevo* e não *relevedo*, como erradamente pronuncia o vulgo.

*Relinchar* e *relincho* dos cavalloõs diz por vezes Manuel Thomaz na sua Insulana : « *Relinham* os cavalloõs animosos » &c. Liv. 7. est. 39. « Que de egoas ser *relinchos* pareciam » &c. Liv. 3. est. 48. Porem deve-se pronunciar *rinchar* e *rincho*, como se acha em Brito na Chronica de Cister, pag. 164 : « Temendo que se sentisse o tropel dos cavalloõs, ou os *rinchos* que alguns podiam dar » &c. Rego na Arte da Cavallaria, em que os criticos o reconhecem por texto nas palavras facultativas, diz sempre cavallo *rinchão*, e não *relinchão*, como pronunciam os imitadores de Manuel Thomaz.

*Relogeiro* e não *relojoeiro* parece pronunciaçãõ mais conforme ao genio da nossa Lingua. Segue-o Bluteau, e allega um exemplo tirado dos Estatutos da Universidade de Coimbra, pag. 18. Presentemente *relojoeiro* é o mais usado.

*Remador* e *remeiro* achamos em diversos Classicos : a primeira pronunciaçãõ tem a seu favor a Barros, e a D. Francisco Manuel nas Epanaphoras, pag. 468 : « Diligentes *remadores* » &c. ; a segunda a Vieira no tom. 5. n. 186, onde diz : « e os *remeiros* tão robustos » &c.

remador = quem rema  
remeiro = quem rema  
remador = quem rema  
remeiro = quem rema



*Remanescente* melhor do que *remanente*, ainda sem ser em termos forenses.

*Remidor* em vez de *redemptor* é pronúnciação antiquada, posto que fosse de Barros, como se lê em suas Decadas.

*Remoedura*: outros *rumiadura*. Esta segunda pronúnciação parece a alguns mais propria, por vir da voz latina *ruminatio*. A outros parece melhor a primeira, visto dizer-se *remoer* e não *rumiar*, que só achamos em Gabriel Pereira, Ulyss. cant. 7. est. 58: «E quando *rumiando* o manso gado» &c.

*Renúnciação* de officio, beneficio &c. diziam os nossos antigos, e é o que se lê na Ordenação do Reino em muitos logares. Porem já Vieira no Sermão dos Annos da Rainha &c. disse *renuncia* na pag. 22. Esta pronúnciação é a que hoje prevalece, mas ainda sem total exclusão da primeira.

*Repertorio* e não *reportorio*, como ignorantemente pronuncia o povo. Val o mesmo que *achar*, e por isso se deve dizer *repertorio* das Ordenações do Reino, *repertorio* dos tempos &c.

*Reposta* e não *resposta* é a pronúnciação que seguiram os melhores Classicos, não obstante dizer-se *responder* &c.

*Represaria* e não *represalia* diz Barros na Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 80: «Ser aquillo mais *represaria* pelos seus homens» &c.; porem esta pronúnciação está de todo antiquada.

*Resabio* é mais seguro do que *resaibo*. Em Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 257 achamos: «Haver em animo dedicado ao culto divino *resabio* de cousas terrenas» &c. A Arte da Caça, livro de pronúnciação correctá, diz tambem na pag. 13: «Sempre lhe fica aquelle *resabio* de natureza brava» &c. Galvão no Tratado



da *Gineta* segue igualmente em diversas partes a mesma pronúnciação.

*Resfolegar* e não *resfolgar*, assim como se deve dizer *Folego* e não *folgo*.

*Resoluto* e não *resolvido*. Entre os muitos exemplos que poderíamos apontar, bastará em palavra de pouca controversia só o de Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. da *Mon. Lusit.* pag. 229: «*Resoluto* em lhe responder com as armas» &c. Maior erro é dizer *resolto*, como achamos em Faria no tom. 3. da *Fonte de Aganippe*, pag. 304: «*Pois tanta vida já resolta em fumo*» &c. Do mesmo modo diz *revolto* em lugar de *revolvido*; mas nesta parte não tem tanto contra si o uso dos modernos escrupulosos, porque «*revolta a terra até o centro*» disse Sá de Miranda na *Satyra 4.<sup>a</sup>*

*Retractar* e *retratar*: deve-se pôr grande cuidado em exprimir estas duas pronúncias, porque a sua significação é entre si mui diversa. *Retractar* é desdider-se do que se tem dito ou escripto. *Vieira*, tom. 3. pag. 132: «*Recolher porem e retractar aquelles erros*» &c. Pelo contrario *retratar* é fazer em pintura a semelhança de qualquer pessoa ou objecto bem ao natural. Esta advertencia parecerá a muitos inutil, mas nós frequentemente estamos ouvindo dizer: *retratar* erros; eu me *retrato* do que disse &c. em lugar *retractar* e de *retracto*.

*Revedor* tem mais e melhores exemplos do que *revisor*. De maneira que é mais seguro dizer *revedor* do *Santo Officio*, do que *revisor*, assim como a *Ordenação do Reino* chama sempre *revedor* ao que revê as contas em juizo.

*Revelia* [termo forense] e não *reveria*, como diz o povo ignorante.

*Revindicação* e não *reivindicação*, como escrevem al-



guns juristas pouco correctos; e assim mesmo *revindicar* e não *reivindicar*. D. Francisco Manuel nas suas Epanaphoras, pag. 576: « Podiam *revindicar-se* movendo-nos guerra » &c.

*Revindicta* é a pronunciação dos cultos que respeitam aos nossos Classicos. *Rebendita* é a daquelles pouco escrupulosos que seguem erradamente ao povo.

*Revolução* e não *revolvimento*, porque já está antiquado. E' mui frequente confundir-se com *revulsão*, ainda entre aquelles que sabem que *revolução* val o mesmo que perturbação, mudança, ou circulação, v. g., *revolução* dos ceus, dos tempos, dos humores &c.; e que *revulsão* [termo de medicina] é uma attracção e apartamento do humor, levando-o para outra parte. Esta palavra vem de *revello*, e a outra de *revolvo*.

*Reysete* e não *reysinho* disse Brito para explicar um rei pequeno. Mon. Lusit. tom. 1. pag. 155: « O *reysete* Tago » &c., e na pag. 189: « O favor de certo *reysete* de Celtiberia » &c.

*Ribeira* e *ribeiro* não é o mesmo em significação rigorosa, e por isso a não confundem os que tem pronunciação correcta. *Ribeira* em termos proprios é terra baixa e fresca, por estar junto a rio ou corrente. Galhegos, Templo da Memoria Liv. 3. sext. 137: « Filha de outro Fernando, que coroadado pisou do Rheno as humidas *ribeiras* » &c. Algumas vezes se toma por um rio caudaloso. D. Francisco Manuel nas Epanaphoras pag. 322: « Procediam deste valle do Funchal ao mar tres caudalosas *ribeiras* » &c. *Ribeiro* é a agua de um manancial, que corre pelo caminho que se tem aberto. Chagas, Obras Espirituaes, tom. 1. pag. 280: « O *ribeirinho*, que na fonte não teve brios de regato, em começando a ser *ribeiro*, ensaia as aguas para *rio* » &c.

*reysete*  
rei pe-  
queno  
*reysete*  
pequeno  
rei.



*Rhinocerote* [animal], *rhinoceronte* e *rhinóceros*. De qualquer destes modos o achamos pronunciado por graves Auctores. O primeiro, mais chegado á origem grega, é de Damião de Goes, e seguido pelos academicos das *Conferencias Eruditas*, que se faziam na livraria do conde da Ericeira. O segundo é do Padre Lucena na Vida de S. Francisco Xavier pag. 208, fundando-se na pronunciação castelhana, e no uso, que muda o incremento. O terceiro é de João de Barros na Decad. 2. pag. 218. Esta pronunciação está antiquada, por nimiamente latina: a segunda ainda póde ter uso. A primeira é a seguida pelos que melhor fallam.

*Risa* em lugar de *risada* traz Lobo na Corte na Aldeia, pag. 91: « Levantaram tão grande *risa* que desautorisaram de todo o sentimento do nojo » &c. Não está já em uso.

*Risca* [por linha que se lança] tem melhores exemplos do que *risco*, que tem mais uso para denotar perigo, ou desenho de pintor.

*Rocío* e *recío*, segundo Duarte Nunes de Leão na sua Origem da Lingua Portugueza, cap. 16, tem grande differença. *Rocío* é propriamente o orvalho, e *recío* praça ou especie de prado. Como o não prova, não o seguiremos. Verdade é que na Historia de S. Domingos usa Fr. Luiz de Sousa de *recío* na significação de praça, ou prado, dizendo: « *Recíos* do concelho, que por ali havia » &c. Ainda com estes exemplos devemos chamar *rocío* á praça de Lisboa, porque o uso constante dos sabios é auctoridade mais classica.

*Rodar* e *rodear* tem a differença que poucos lhes dão na pronunciação. *Rodar* é mover-se circularmente como roda, ou tambem cahir de alto para baixo. Vieira, tom. 9. pag. 119. « *Rodou* do monte a pedra » &c. *Rodear* é

uso  
risa  
risada



andar ao redor de alguma cousa. Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 223. «Que mudanças traz o *rodear* dos annos?» &c.

*Rogações* melhor do que *rogativas*, fallando-se das publicas ladainhas de maio. Assim o achamos em escriptores de auctoridade, postoque não da primeira ordem.

*Rompido* em lugar de *roto* só o diz hoje a plebe ignorante.

*Rota* de exercito, e não *derrota* [como diz o povo] achamos nos melhores classicos, e não são poucos os exemplos, que se acharão em Vieira. Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 291 diz. «Tal pavor poz esta *rota* nos animos» &c. Segue-o sempre Vasconcellos na sua Arte Militar, como v. g. «E não menos se vê na *rota* de Cassio» &c. pag. 24. *Derrota* só serve para explicar caminho, e jornada, que se faz por terra ou viagem por mar.

*Rotundidade* em lugar de *redondeza* é de Vieira na sua *Historia do Futuro*, pag. 262. «Desta *rotundidade* do ceo inferiam» &c.

*Rubí* e não *Rubim* achamos em Vieira tom. 4. pag. 191. «O quinto de *rubí*, o sexto de Sardo» &c. Porem no plural diz *rubins* e não *rubís*; donde parece que não desapprova a pronunciação de *rubim*.

*Rubrica* com o *i* longo, imitando a pronunciação latina, *excepto siquid Masuri rubrica notavit*. Persio na *satyra* 5.<sup>a</sup>

*Rude* e não *rudo*, que se acha em alguns Auctores, especialmente poetas por causa do consoante.

*Ruinar* e não *arruinar* disse Faria na Fonte de Aganippe, centur. 6. sonet. 23. «A fabrica, que já se vê *ruinada*» &c. Pode-se soffrer vistas as liberdades, que amam os poetas.



*Rumo* e não *rumbo*, de que barbaramente usou Barreto na sua Pratica entre Democr. e Heracl.

*Saco* [termo militar] e não *saque*, como diz o vulgo ignorante.

*Sacristia* e *sacristão*: parece que assim se devia constantemente pronunciar, por vir do latim *sacer*; porem em Auctor da melhor nota, qual é Jacinto Freire, achamos *sancristia* e *sancristão*: Liv. 4. n.º 106. « Outra porta para o serviço da *sancristia* » &c. E não o temos por erro da impressão, porque em manuscriptos originaes, e correctos da mesma idade achamos o mesmo. O Padre Bento Pereira segue igualmente a mesma pronunciação, a qual nós hoje não podemos desprezar.

*Salobra* [agua] e não *salobre*. Esta segunda pronunciação parece, que é hoje a dominante, mas nós sempre seguiremos aquelles que disseram poço *salobre*, e corrente *salobra*, porque entre nós não é este dos nomes com genero commum de dous, como v. g. *funebre*, *lugubre*, *celebre* » &c.

*Salvateco* e *selvatico*. Os que pronunciam do primeiro modo seguem a Camões, que no cant. 10, est. 93 disse. « De *selvatica* gente negra, e nua » &c. Vasconcellos na Arte Militar, pag. 14 diz tambem. « Rustica, e *salvatica* vida » &c. Os que pronunciam do segundo modo encostam-se ao castelhano *selva*, palavra que alguns dos nossos poetas admittiram, e até na prosa a achamos em Barreiros na sua Corografia, pag. 235. « Nas *selvas* hercinias » &c.

*Sanfonha* [instrumento musico dos rusticos] e não *sanfona*, achamos nos bons Auctores. Lobo na sua Primavera part. 3. pag. 223 diz. « Tocando uma rustica *sanfonha*. » Vem da palavra italiana *sampogna*, a qual adoptou D. Francisco Manuel nas suas poesias. Porem pelo



contrario achamos *sanfonina* e não *sanfoninha* em diversos poetas, especialmente em Camões na Eclog. 6. est. 4. « Ouvi da minha humilde *sanfonina* » &c.

*Sanguesuga* ou *sanguuxuga*. De qualquer dos modos o achamos escripto em livros correctos de medecina e cirurgia. Parece a alguns criticos, que pronunciam melhor os que dizem *sanguesuga*, por se compor esta palavra de *sanguis*, e *sugo*; porem o uso ainda não decidiu.

*Sanhoso* disseram alguns Auctores; porem *sanhudo* é pronunciação dos melhores.

*Sarabanco* e não *salabanco*, quer Bluteau que se chama áquella agitação violenta, que se sente nas carruagens, que dão saltos; mas não produz exemplo, para mostrar ser errada a pronunciação reinante.

*Sarnento* e não *sarnoso*, que hoje quasi só se pronuncia nos adagios da lingua sobre *sarna*.

*Sede* Apostolica querem alguns que não se deva dizer, mas *Sé* Apostolica. Não duvidamos que esta pronunciação seja mais segura; porem Vieira no tom. 2. pag. 143 disse. « Offerecendo á S.<sup>ta</sup> *Sede* a mesma obediencia de filhos » &c. Em outros logares se acha o mesmo.

*Sedento* em lugar de *sequioso*, é não menos que de Camões e Vieira. O primeiro no cant. 3. est. 116. « Fez beber ao exercito *sedento* » &c. O segundo no tom. 6. pag. 461. « Se os filhos *sedentos* e famintos » &c. Depressa se antiquou esta palavra! Na mesma accepção achamos *sedêdo* em Leonel da Costa, Eclog. de Virgil. pag. 28. « A cabeça de um javali *sedêdo* » &c. Esta pronunciação é que é muito bem antiquada.

*Sediço* é o que achamos nos bons livros; *seidiço* é o que achamos no vulgo.

*Seguito* e não *sequito*, diz Bluteau, allegando com o tom. 6. da Mon. Lusit., pag. 363, e com o Auctor da



Guerra do Alemtejo, pag. 46. Não obstante sigo a segunda pronunção, da qual já usava Varella, escriptor de linguagem mais correcta, dizendo no seu Num. Vocal, pag. 486. « Parecendo-lhes obrigação o sequito » &c.

*Seguridade* por *segurança*, não tem melhor exemplo que o de D. Francisco Manuel nas Cartas, pag. 300. « E se logram com maior *seguridade* » &c. *Segurança* é de todos os classicos.

*Semana* e não *somana*, postoque assim se ache em Camões.

*Semlea* por *assemblea* traz o livro Escola das Verdades, pag. 441. Ha muito que é pronunção viciosa. Nem em poesia sem admittirá.

*Semelhar* por *assemelhar* achamos em Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 16. pag. 16. Não é seguido nem ainda na linguagem poetica.

*Semelhavel* por *semelhante* disse João de Barros na Decad. 3. pag. 70. Está antiquado.

*Senhoria* por *senhorio* tem bons exemplos, mas prevaleceu o uso de dizer *senhorio*.

*Sequestro* [termo forense] e não *secresto*, como se acha nos livros antigos.

*Sestruoso* [pessoa que tem sestro] melhor do que *sestroso*, não obstante ser pronunção quasi commum.

*Sevandilha* por *sevandija* traz D. Francisco Manuel na sua Carta de Guia de Casados, pag. 36. « Estas *sevandilhas* pequenas, estes argueiros » &c. Não está em uso.

*Sexão* e *sazão* tem exemplos, porem Fr. Bernardo de Brito seguido depois por muitos, dizia *sexão*, Mon. Lusit. tom. 1. pag. 387. « Não deixava chegar a *sexão* de amadurecer » &c. Visto não pronunciarmos já como os anti-



gos *sexonado*, mas *sazonado*, melhor será para irmos coherentes que digamos *saxão* e não *sezão*.

*Sexudo* e não *sizudo* achamos em Brito no tom. 1. pag. 121. « Damnos que custam a vida são os mais *sexudos* conselheiros, que dá o tempo » &c. Porem *sizudo* é pronunciação de todos aquelles, que derivam esta palavra de *sizo*, e não do castelhano *seso*, donde o derivaram os antigos, dizendo *sexudo*.

*Sibillina* [cousa das sibillas] melhor do que *sibillica*, de que usou D. Francisco de Portugal nos seus Divin. e Human. Vers. pag. 146. « Emula dos *sibillicos* alentos » &c.

*Silharia* e não *enxelharia*, como ignorantemente dizem os pedreiros. « Derrubando a primeira ordem de *silharia*, deitando as pedras abaixo » &c. Brit. Mon. Lusit. tom. 2. pag. 26. Os cultos ainda hoje estão por esta pronunciação.

*Simpleza* por *simplicidade* é de Barros na Decad. 3. pag. 255. « *Simpleza* da primeira idade » &c. Lobo na Corte na Aldeia, pag. 15, tambem usou do mesmo. « Os outros ajudavam a sua *simpleza* » &c. Ainda não temos por antiquada esta pronunciação.

*Simplices*, por plural de *simples*, ainda o não podemos descobrir em algum Auctor classico, senão em termos medicos, e pharmaceuticos, significando hervas medicinaes. O que achamos é « homens *simples*, corpos *simples*, qualidades elementares *simples* » &c.

*Simulcadente* [figura da rhetorica] ou *simulcadencia* e não *simulcadens*, como escreveram alguns com pronunciação puramente latina. *Simuldesinencia* disse o Auctor do Systema Rhetorico pag. 124. Não tiveramos duvida a segui-lo e não dizer *simuldesinente*.

*Sinalar* e *sinalado* e não *assinalado* e *assinalar* é de



todos os bons textos da lingua. Em Vieira o achamos muitas vezes nas suas Cartas: em Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 110. « Duas cidades mui *sinaladas* naquele tempo » &c. Em Jacinto Freire pag. 24. « Donde a *carta* não *sinalava* baixos » &c. E na Brachilogia de Principes, pag. 281. « Imprudencia será lançar mão de *sinalados*, havendo outros sem defeito. » Estamos ainda por este modo de pronunciar.

*Sincero* por *salgueiro* já se não pronuncia; nem o que não estiver por esta sentença queira defender-se com a auctoridade de D. Francisco Manuel, que nas suas obras metricas usou de *sincero* e *sinciral*; porque dos logares em que este Auctor se valeo de tal pronunciação, bem se vê que foi muito a proposito para o assumpto o uso de vozes antiquadas.

*Singradura* e não *sangradura* chamavam antigamente ao que anda um navio no espaço de um dia natural. Os livros facultativos que nesta materia fazem grande texto, deste modo é que o trazem. Manuel Serrão Pimentel na sua Arte de Navegar pag. 81 diz. « E' necessario traçar todas as *singraduras* antecedentes » &c. Seguiu o exemplo do famoso Pedro Nunes, que no seu Tratado em em defesa da Carta de Marear disse tambem. « As *singraduras* de um dia natural com vento prospero não passam de mil estadios » &c. Verdade é, que em João de Barros, Decad. 1. pag. 6. se acha *sangradura*, mas tem-se por erro ou da impressão ou do copista. Foi imitado por alguns, especialmente pelo conde da Ericeira no Portugal Restaurado, tom. 1. pag. 184, onde diz. « A poucas *sangraduras* experimentaram o tempo contrario » &c. Porem segundo os criticos mais escrupulosos, ainda hoje devemos dizer *singradura*, assim como os castelhanos dizem *singladura*, por ser palavra que vem da franceza *sin-*



*gler*, que val o mesmo que *navegar*. *Sangradura* diz Bluteau que parece cousa de sangria, appropriação que nada se accomoda ao *navegar*.

*Sino* [por seio, estreito ou golpho] usou Vieira no tom. 2. pag. 140. «Passou a Arabia, entrou no *sino* persico» &c.

*Sirena* por *serêa* não se admite senão em poesia, por isso justamente accusam de affectado a certo escriptor vivo, em cujas obras historicas se acha *sirenas*.

*Sitar* por *situar* é hoje antiquado, não obstante ter usado deste verbo João de Barros na Decad. 1. pag. 154, onde diz. «Tolomeo *sitou* em quinze grãos.

*Sito* por *situado* tem Vieira a seu favor, que no tom. 1. das Cartas, pag. 94, disse. «Outra capitania *sita* entre o Maranhão e Pará» &c.

*Sizel*, *sinzel*, e *sinzel* acho em bons Auctores; porem alguns criticos querem que *sizel* e *sinzel* tenham melhores exemplos; concordamos com elles.

*Sobaco* e não *sovaco*, como erradamente diz o vulgo. Querem alguns que esta palavra se derive das duas latinas *sub arcu*; porque *sobaco* é a concavidade, que debaixo do nacimiento do hombro, entre o braço e o corpo se forma a modo de *arco*.

*Soborno* melhor do que *sobornação*, que se acha em alguns Auctores. «Contra o *soborno*, e intercessão de gente poderosa» disse Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 156.»

*Sobreexcellente* e *sobrecellente*. A primeira pronunciação é de Vieira tom. 2. pag. 409. «Esta união da verdade com a misericordia é tão *sobreexcellente*» &c. A segunda é de João de Barros, na Decad. 1. pag. 38. «Os navios e a gente *sobrecellente*» &c. Pode-se usar.

*Socedimento* por *successo* se acha nas poesias de Antonio Ferreira, pag. 129. «Não louvamos já bons *socedimentos*» &c. Este Auctor é mais para imitar nas bellezas



da sua poesia, do que na correção da sua linguagem; pois sendo posterior a Camões, não estudou em o imitar nesta parte.

*Soletrar* e não *soletrear* á maneira do vulgo ignorante. Chagas, Obras espirituaes, pag. 259. «Muitas vezes *soletraria* v. m. no a, b, c, do amor divino, que o avesso da nossa vontade é o direito da vontade de Deus» &c.

*Somma* e *sommar* [termo arithmetico] e não *summa* e *summar*, como erradamente pronunciam muitos. Vieira tom. 1. pag. 126. «*Somma-os* a vida, diminue-os a morte» &c. Lobo, Corte na Aldeia pag. 214. «Bem sei que me *sommaes*, para me diminuir» &c. *Summariar*, como se lê em alguns, já se não diz.

*Soterrar* por *enterrar* não é pronúnciação tão antiga que não usasse della Jacinto Freire no Liv. 2. n.º 160, dizendo. «Ficou nas ruinas do baluarte um basilisco *sotterrado* de maior grandeza» &c. Deveria este verbo ter uso, porque exprime o metter alguma cousa debaixo da terra, muito melhor do que o *enterrar*, especialmente dizendo nós *subterraneo*.

*Suasorio* e *persuasorio*, querem alguns que se pronuncie com auctoridade de D. Francisco Manuel, que nas suas Cartas, pag. 61, escreveu. «Sua graça e virtude *suasoria*» &c.

*Subcessivas* [horas] não é o mesmo que *successivas*. A primeira pronúnciação val o mesmo que horas roubadas a outra occupação. A segunda significa o mesmo que *continuado*. Da palavra *subcessiva* usou Lavanha na Dedicatória do Nobiliario do infante D. Pedro, e seguiu a Sá de Miranda, que usou do mesmo termo na satyra 1.ª n.º 83, posto que erradamente escreveu *successivas*.

*Submerso* por *submergido* não se admite em prosa. Os poetas talvez ainda tem esta licença com o exemplo



de Camões no cant. 7. est. 8. « Comtigo, Italia fallo, já sumersa » &c.

*Submissão* e *submisso*, melhor do que *summissão* e *summisso*, que trazem alguns livros.

*Suborno* ou *soborno* e não *subornação*, como diz o povo, e se acha em não poucos escriptores da infima classe.

*Substancial* por alimento, que tem substancia, não se acha tão usado pelos classicos, como *substancioso*. *Substancial* é cousa concernente á natureza da substancia, e essencia de alguma cousa.

*Subtilidade* de engenho dizem muitos, mas *subtileza* é pronunciação mais corrente.

*Subversão* e *submersão* é para muitos o mesmo, assim como *subverter* e *submergir*; ignorando que *subversão* só se dá na terra; e *submersão* no mar.

*Succo* por *sugo* ou *sumo*, além dos exemplos de Auctores medicos da melhor nota, tem a auctoridade de Vieira, que no tom. 6. pag. 344 disse. « E todas as outras hervas, flores e *succos* » &c. Com a mesma segurança se pode usar de *succoso* em lugar de *sugoso*, que se acha no livro *Correcção de Abusos* &c.

*Sudorifico* não é pronunciação tão segura, como *sudorifero*, segundo observámos nos livros de medicina, escriptos por professores de pura linguagem na sua faculdade.

*Superno* por *superior* só é pronunciação de poetas. Ulys. cant. 1. est. 15. « Conselho quer fazer no ceo *superno* » &c.

*Supito* em lugar de *subito* foi pronunciação de Brito na sua Mon. Lusit. tom. 1. pag. 294. « E dera de *supito* sobre o exercito contrario » &c. Seguiu-o Chagas nas Obras Espirituaes tom. 2. pag. 110. « Tendo grande resguardo nos *supitos*, e nas impaciencias » &c. Na Insula-



na de Manuel Thomaz tambem se acha *supitamente*. Liv. 2. est. 127, mas se não tiveramos os exemplos referidos não bastára o deste poeta.

*Suppresso* querem muitos que seja melhor pronunciaçãõ do que *supprimido*. Nós de uma e outra achamos exemplos, que posto não sejam classicos, não são para desprezar. Outros criticos ha, que fazem differença [mas não o provam] entre *suppresso* e *supprimido*, dizendo, que este val entre nós o mesmo que *sopêado*, e aquelle o mesmo que *escondido*, v. g. nome *suppresso*, e máo genio *supprimido*. Não estamos por esta differença em quanto a não acharmos em bons textos.

*Surcar*, contra a opinião do Padre Madureira, tem melhores exemplos do que *sulcar*, não obstante esta segunda pronunciaçãõ trazer sua origem do latim *sulcare*. Jacinto Freire na pag. 7 diz. « O maior galeão dos que até aquelles tempos *surcaram* nossos mares » &c. Chagas nas Obras Espirituaes tom. 2. pag. 288. « Estas tempestades *surca* quem neste penedo busca o porto » &c. Vieira dá copiosos exemplos desta pronunciaçãõ.

*Surprezo* ou *sorprezo* e não *surprendido*, dizem os modernos que mais cuidam em fallar com pronunciaçãõ correctã.

*Suscitado* em lugar de *resuscitado* se acha em um Poema á Santa Magdalena, cant. 7. est. 38. « Nascido, vivo, morto e *suscitado*. » Neste sentido só em poesia epica se poderá soffrer tal pronunciaçãõ.

*Tal qual* e não *tal e qual* achamos nos nossos escriptores mais puros em linguagem. São muitos os exemplos em Fr. Luiz de Sousa, que provam esta pronunciaçãõ.

*Tangedor* de instrumentos musicos e não *tocador* achamos commummente nos melhores classicos. Só Fr. Luiz



de Sousa alguma vez disse. « *Tocador* de órgãos » &c. por-  
rem o maior numero de exemplos são a favor de *tangedor*.

*Tarima* e *tarimba* pronunciam muitos indifferente-  
mente, querendo significar uma mesma cousa, quando  
segundo os criticos, *tarima* é hoje aquelle estrado alto em  
que se poem os cadaveres de pessoas conspicuas antes de  
se enterrarem, e no acto de se lhes fazerem exequias;  
*tarimba* só se chama ao estrado mais alto da cabeceira  
que dos pés em que se deitam os soldados nos seus quar-  
teis. Porem não duvido que até nesta accepção se deva  
dizer *tarima*, porque esta é a geral pronunciação, que  
achei atéqui nos melhores Auctores.

*Tataro* e não *tartaro*, se deve chamar áquelle que  
por impedimento da lingua pronuncia mal as palavras e  
troca algumas letras em *t* como v. g. *Catharina* em *tata-  
rina*: o Padre Madureira quer que tambem haja *tartaro*  
para significar ao que quasi mudo tarda em pronunciar  
as palavras. Não sei em que exemplo se fundou, porque  
eu o que tenho achado é só *tartamudo* e não *tartaro*, pa-  
lavra que em tal sentido nem em Bluteau se acha.

*Terçado* [arma] e não *traçado*, porque era espada com  
menos da 3.<sup>a</sup> parte da de marca.

*Terçar* v. g. a capa e não *traçar*, quer Bluteau que  
se diga, mas não aponta exemplo, nem nós ainda o achá-  
mos.

*Termentina* e não *tormentina*, como diz a plebe, se  
deve pronunciar a resina, que sahe do terebinto. Leonel  
da Costa: Eclog. de Virgil. pag. 29. « A arvore que dá  
a *termentina* » &c.

*Ternexa* por *ternura* usou Chagas nas Obras Espiri-  
tuaes tom. 1. pag. 374 dizendo. « Caricias com que affa-  
gam, *ternexas* com que animam » &c. Leonel da Costa,  
Eclog. de Virgil. pag. 34 diz tambem. » Fazendo-o amar



com *terneza*. » Porem hoje a pronunciação mais seguida é *ternura*.

*Terraplano* e *terraplenar* [termo de fortificação] tem mais e melhores exemplos do que *terraplano* e *terraplanar*. Nós seguimos contra o parecer de alguns, que esta palavra se compoem de *terra* e *plenus*, e não de *terra* e *planus*.

*Terremoto* e não *terramoto* ou *terramote*, como dizem os idiotas, e se acha impresso em alguns papeis modernos sobre o terremoto de 1755.

*Theriaga* e não *triaga* acho nos nossos bons Auctores de medicina, seguindo ao grande João de Barros, que na Decad. 2. pag. 142 disse. « A cura quizeram fazer a alguns com *theriaga* » &c.

*Tibieza* e não *tibexa*, que trazem alguns livros, uns dos quaes são os dos Sermões do Bispo de Martiria, onde achamos no tom. 3. pag. 162. « Não se pode chamar amor senão *tibexa* » &c.

*Tingidura* por *tintura*, já se não pronuncia, posto que se ache nos textos antigos.

*Titubear* é hoje mais seguido do que o antigo *titubar* porem não se diz com tanta propriedade *titubeante* como *titubante*. O uso com o seu despotismo é que tem approvado esta incoherencia.

*Traje* mais usado do que *trajo*, se bem que esta terminação em o tem a seu favor os textos mais graves, porem o uso antiquou-a.

*Transe* [ocasião perigosa] e não *tranxe*, como pronunciam os castelhanos. Camões na canç. 10. « Lemfim não houve *transe* de fortuna » &c.

*Trasnoutado* e *trasnoutar*, se bem que na Corte na Aldeia, pag. 224 se lê. « Galante como estava *tresnoutado* » &c.



*Trava* e não *trave* chamavam bons antigos á viga atravessada, cujas extremidades descancam em duas paredes ou pilares.

*Trefo* quer Bluteau que se chame ao homem maliciosamente esperto ou bulhento, e não *trefego*, como vulgarmente se diz.

*Treição* e *treidor* e não *traição* e *traidor* disse sempre Vieira, e os bons do seu tempo. Presentemente está pouco em uso.

*Tremelar* e não *tramaleiar* ou *trambaleiar*, como ignorantemente pronuncia o povo. Tambem não é seguido usar de *tremolar* por *tremelear*. O proprio é *tremolam* as bandeiras, e *tremelea* a embarcação. Muito se hallucinou um grande academico do nosso tempo, quando disse em uma cração — a minha *tremolante* lingua; querendo dizer *tremula*. Já em outro papel tinha escripto. — As *tremolas* quinas portuguezas; querendo dizer as nossas *tremolantes* bandeiras.

*Trença* e não *trança* disse Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 258. « Em cujos calções e vestidos se não vissem *trenças* de ouro.» Está antiquada esta pronunciação que tambem foi de Sá de Miranda, e do insigne Barros.

*Tresvariar* e *tresvariado* e não *tresvaliar* e *tresvaliado*, como ignorantemente diz o vulgo, porque vem de *tresvario*, a que tambem o povo chama com erro *tresvalio*.

*Troar* por *trovejar* disse D. Francisco Manuel na Çamfonha de Euterpe, pag. 95. « *Trôa* o ceo, arde o horizonte » &c. Não é usado.

*Trombeta* e não *trompeta*, porque não obstante ter sido pronunciação dos bons antigos, hoje não tem uso nem ainda em poesia.

*Troncar* mais seguro do que *truncar*, postoque se deri-



ve do latim *de truncare*. Jacinto Freire, pag. 14: « Por não *troncar* a historia » &c. Manuel de Galhegos no Templ. da Memor. Liv. 2. est. 157: « *Troncou* tantas cabeças, tantos braços » &c. E no mesmo Liv. est. 215: « Que acabe esse discurso assim *troncado* » &c.

*Ugonoto* e não *ugonote* disse o insigne Auctor da Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 105: « Ficou em pé, apesar dos *ugonotos* » &c. Deve-se seguir.

*Unicornio* e não *unicorne* ou *licorne*, como muitos escreveram, e já Duarte Nunes de Leão faz na sua Orthographia esta emenda.

*Usso* e não *urso* achamos constantemente nos nossos Auctores Classicos: hoje ainda os querem seguir alguns escrupulosos modernos, justos adoradores da antiguidade; porem o uso está declarado contra o seu partido, e já Galhegos no Templ. da Memo. Liv. 4. est. 8. disse: « O *urso* não temia o ferro agudo » &c.

*Usurario* e *usureiro*: ambas as pronunciações tem bons exemplos de Vieira e outros Classicos. Os antigos diziam tambem *onzeneiro*, derivado de *onzena*, que val o mesmo que *usura*.

*Vagabundo* e não *vagamundo*, como erradamente escreveram alguns, sendo um delles Godinho na sua Viagem da India, dizendo na pag. 40: « Com gente *vagamunda* » &c. De *vago* na mesma accepção usou Barros, Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 172: « Gente *vaga*, sem natureza nem assento » &c.

*Vaguear* com o pensamento, e não *vagar*, como pelo commum impropriamente se pronuncia. Vieira, tom. 6. pag. 323: « Interrompe com o *vaguear* de outros pensamentos » &c.

*Varrer* e não *barrer*, como diz erradamente a plebe.

*Varzea* tem melhores exemplos do que *vargem*. Bri-



to na sua Mon. Lusit. tom. 2. pag. 110 diz *varzea*, e seguiu a Barros, que na Decad. 2.<sup>a</sup> pag. 180 usa da mesma pronúnciação: « O fim da qual planície é quasi como *varzea* » &c. Os que pronúnciam *vargia* erram muito mais do que os que dizem *vargem*.

*Vasto* e *basto* confundem muitos, principalmente os nascidos em algumas das nossas provincias. *Vasto* é cousa grande na extensão, e delle vem *vastidão*. Pelo contrario *basto* é um agregado de cousas espessas e juntas; e assim se deve dizer bosque *vasto* por extenso, e *basto* por cerrado.

*Venturina* [pedra] e não *viturina*, como ignorantemente pronúnciam até os prezados de cultos.

*Verdejar* é mais seguido do que *verdear*, como diziam os antigos. « Se vires *verdear* o prado » diz Diogo Bernardes nas suas Eclogas.

*Verendo* por *veneravel* só o diz um Auctor tal como o do poema, Destruição de Hespanha, Liv. 1. est. 122: Logo que fallar pode o rei *verendo* » &c.

*Verisimel*, *verosimel* e *verosimil*. Qualquer destas pronúnciações tem bons exemplos. A primeira é de Lobo na Corte na Aldeia, pag. 17: « O auctor que compõe livros seja *verisimel* » &c. A segunda é de Vieira em diversos logares das suas Cartas. A terceira é do uso, porque hoje todos commummente dizem *verosimil*. O que se não póde dizer é *verisimilitude* ou *verasimilidade*, como alguns pronúnciam em logar de *verosimilhança*.

*Vespera* e *vespora*. A primeira pronúnciação é a corrente. A segunda era de muitos Classicos do seculo passado. Observem-se as Cartas de Vieira.

*Viador* e *viandante* confundem muitos para significar o que caminha. Os criticos pretendem que *viandante* se applique precisamente só áquelle que caminha, co-



mo bem provam antigos e modernos epitaphios; e que *viador* sirva só para denotar aquelle homem, que vivendo em corpo mortal se encaminha para a eternidade. Por isso Vieira no tom. 3. pag. 285 disse: « Na mesma alma de Christo só em quanto *viador* » &c. Bluteau approva esta differença.

*Vice-Rei* e *Viso-Rei* tem exemplos da primeira classe; porem os muitos que se acham nas Cartas de Vieira, juntos com os de Jacinto Freire, que sempre diz *Viso-Rei*, fazem com que muitos prefiram esta pronunciaçãõ. A de *Vi-Rei*, que acho em alguns livros, é que não sei tenha exemplo de boa auctoridade.

*Vigairo* é pronunciaçãõ que não está em bom uso: devia sofrer-se, visto ter muitos textos a seu favor, e dizer-se *vigairaria*. Não damos por antiquado o exemplo de Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 114, onde diz: « Ordenou um *vigairo* do imperio » &c. porque são ainda hoje mui poucos os que usam da mesma pronunciaçãõ; e em tal caso ainda os Classicos não perderam a sua auctoridade. Esta mesma regra dá com prudencia o moderno Diccionario da Lingua Castelhana, seguindo ao celebre da Crusca.

*Vigia* por *insonolencia* é mais seguido dos bons auctores medicos, do que *vigilia*. Luz da Medic. Trat. 3. capit. 3.: « Quando a *vigia* proceder de copia de humores » &c. Outros muitos exemplos se poderiam apontar.

*Villôa* ou *villãa* se pôde chamar á mulher do campo, porque uma e outra pronunciaçãõ tem bons exemplos. A segunda é que está mais em uso entre os cultos.

*Vingativo* e *vindicativo*, que muitos disseram, talvez porque João de Barros na Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 3. disse: « Sem os poderem *vindicar* por lei de armas » &c. Hoje



*vindicativo* só se applica bem á justiça, quando se diz :  
«Justiça *vindicativa*, *distributiva* &c.

*Visconde*, *viscondeça*, *viscondado*, e não como vulgarmente se pronuncia, *bisconde*, *biscondeça* e *biscondado*, cuja pronunciação só se deve dizer quando alguém tiver este titulo, por ser duas vezes conde.

*Vistoria* [termo forense] e não *vestoria* quer Bluteau que se diga, e o segue Madureira na sua Orthographia; mas contra o uso universal que diz *vestoria* não ha que teimar, ainda que seja com rasão, como nesta palavra; porque significando uma acção que se faz com a vista, se devia chamar propriamente *vistoria*.

*Volantim* e não *bolantim* ou *borlantim*, como diz a plebe ignorante. Alguns não despresam a pronunciação de *bolantim*, deduzindo-a do castelhano; pois que desta nação é provavel que fossem os primeiros que viram os portuguezes fazer habilidades na marôma.

*Volcão* e *vulcão*. Do primeiro modo pronunciou Varella no Num. Vocal, pag. 522, dizendo: «*Volcão* abraçador» &c. Do segundo disse o Conde da Ericeira no Portug. Restaurado, tom. 1. pag. 455: «Com terremotos e *vulções* de fogo» &c. Estamos pela primeira pronunciação, postoque, a buscar a etymologia, seja mais propria a segunda.

*Voltar* querem muitos que tenha differença de *voltear*, dizendo que *voltar* é propriamente fazer volta, ou ir e vir de novo para algum logar &c.; e *voltear* é fazer dar voltas a alguma cousa á roda, v. g., *volteam* os corpos celestes, *voltêa* a bandeira, *vollêa* na marôma &c.

*Volto* em logar de *voltado* achamos em D. Rodrigo da Cunha na sua Historia dos Bispos de Braga, pag. 96: «Com a bocca torcida e *volta* a uma orelha» &c. Em Vasconcellos no Sitio de Lisboa, pag. 120 achamos



o mesmo: « Sitios altos e *voltos* ás partes do ceu mais temperadas » &c. Mas não obstante não serem para desprezar estes exemplos, o uso não quer que valham.

*Voluntarioso* por homem *voluntario*, que em tudo quer fazer a sua vontade, achamos em João de Barros na Decad. 4.<sup>a</sup> pag. 490. Quanto a nós não deve estar antiquada esta pronunciação, porque *voluntario* não a substitue bem.

*Xabregas* e tambem *Enxobregas* achamos no tom. 1. das Cartas do Padre Vieira. A primeira pronunciação é hoje a mais seguida.

*Xergão* e não *enxergão* pretende o Padre Bento Pereira que se pronuncie. Fr. Luiz de Sousa na sua Historia de S. Domingos, e Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister, estamos certos que seguiram o mesmo. Esta era a pronunciação dos antigos, como se póde ver no Diccionario de Cardozo, e em Amaro de Roboredo na declaração da palavra *tomentum*. Nós ainda seguimos a estes Auctores, porque não vemos que se opponha o uso universal.

*Zafira* fez D. Francisco Manuel do genero masculino. Obr. Metr. Tuba de Calliope, sonet. 96: « *Zafiro* singular, que foi vendido » &c.

*Zangão* [homem atravessador] mais seguro do que *zangano*. Chagas no tom. 2. das Cartas diz: *Zangãos* da sãa gloria » &c. pag. 414.

*Zanolho* e não *zanolho* [como vulgarmente se diz] se deve chamar áquelle que atravessa os olhos.

*Zizania* e não *sizania*. Barros, Decad. 4. pag. 384: « Metter entre elles *zizania* » &c. E' seguido por Vieira e por todos os bons.

*Zorrague* e não *azorrague* achamos em Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 98: « *Zorragues* com que os casti-



gar» &c. Pretendem os que melhor fallam que ainda não esteja antiquada esta pronunciação.

*Zunido* melhor do que *zonido* ou *sonido*. Fr. Heitor Pinto, Auctor recommendavel, onde o uso o não fez antiquado . diz nos seus Dialog. pag. 79 : « Os ventos que *zuniam* nas concavidades das rochas » &c. Na pag. 90 se acha a mesma pronunciação, que provêm da figura onomathopea. Ao *zunido* das abelhas chama Leonel da Costa *zumbido*, nas Georgic. de Virg. pag. 121 : « As abelhas com um certo *zumbido* que lhes serve de trombeta » &c. Não foi seguido.

#### FIM DA SEGUNDA PARTE.



... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...

Quando melhor do que ...  
... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...

... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...

... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...

... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...

... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...

... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...

... e os que se chamam de ...  
... e os que se chamam de ...



## NOTAS.

### Á REFLEXÃO 2.<sup>a</sup> — Sobre os nomes que só tem singular ou plural.

**N**ada temos que dizer sobre a 1.<sup>a</sup> reflexão, porque o A. no paragrapho 4.<sup>o</sup> enuncia a razão de não engrossar o volume com extensas listas das palavras viciadas na pronunciação. E com effeito seria illimitado e indefinido o catalogo, que se fizesse, ao passo que delle não resultaria proveito; a gente que pronuncia e escreve *carapinteiro*, *pelengrino*, *brabas* por *barbas*, e outros que taes barbarismos, é tão incorrigivel e incapaz de doutrina, como o areal tiszado que não recebe cultura: e os indoutos, que tem desejo de emendar similhantes defeitos, facilmente se corrigem com o auxilio dos dictionarios, estudada lição, e frequencia de pessoas mais instruidas. Como porém a pronunciação incorrecta desfeia e obscurece o discurso, e de ordinario é causa de adulterações na oração escripta; e ha erros que, ou pelo não parecerem ou por inveterados, se perpetuam entre os menos advertidos; diligenciou o nosso P.<sup>e</sup> Freire mostra-los e desfaze-los, ao que destinou o presente tratado. Mas porque algumas de suas observações são menos bem fundadas, e por isso podem gerar erros em sentido contrario, ou suscitar demasiados escrupulos, seremos um pouco mais minuciosos no exame desta 2.<sup>a</sup> Parte do que o fomos na primeira.

Não merecem o labeu *d'ignorantes modernos* (vide a pag. 8)



os que admittem o singular de certas palavras, a que o A. só consente plural jurando pelo testemunho de Barros; fiou-se inteiramente nesta auctoridade, porque se recorresse aos Classicos acharia em Fr. Luiz de Sousa *passim* o singular *alforge* e assim mesmo em outros escriptores. *Farello* tambem tem abonação Classica, e alem disso o uso commum, por exemplo, quando de um homem de muitas palavras, e muita basofia de têres, amisades e protecções, se diz: — tudo aquillo é faréllo. A voz correspondente n'outras linguas tem singular: *furfur* em latim, *son* em francez, *bran* em inglez, *salvado* em hespanhol. — *Sêmea* está no mesmo caso; e no singular se acha nos Dictionarios. — *Papas* é verdade que nos livros e no fallar quotidiano tem mais geralmente plural: mas tambem é certo que o auctor esqueceu-se da *papa* dada ás creanças. — Não podemos soffrer que se negue o singular aos nomes de vegetaes e de seus fructos, embora lho não dessem os antigos: todavia sabemos que o estilo de *mandar á fava em quanto a ervilha enche* é muito antigo; e que nas corporações onde se votava por favas, muitas occasiões se offereriam de mencionar *uma fava* branca ou preta. *Grão de bico* diz toda a gente, até para o differenciar dos grãos cereaes.

E' falso que se não use o singular de *bófes*, porque os exemplos são frequentes nos Classicos. — *Tenazes* e *tezouras* não devem ser privados do singular: um instrumento ou utensilio, por ser composto de duas ou muitas peças, não se hade exprimir exclusivamente com a voz do plural.

Pode o leitor confrontar a doutrina desta reflexão com o § 1.º do Cap. 4.º do *Epitome de Gramm. Port.* por Moraes, e seguir este ultimo. Mas porque o nosso A. seguiu Barros sem mais reflexão, não queremos deixar de transcrever o n.º 7 do § que acima citamos, por vir muito ao nosso caso. — «Nós dizemos os azeites, méis, oleos, assucares, manteigas, especiarías, pimentas, vinhos; leites; dar incensos; famas; os trens dos exercitos; as memorias; os quaes alguns grammaticos dizem que só se usam no singular. Pelo contrario usamos no singular *uma fava*, *um grão de bico*, *um tremoço*, *uma lentilha*, *a papa*, *o farello*, *o alforge* &c.; os quaes Barros ensina que só se usam



no plural : » todas as forças de Sansão levou uma *tezoura* : « diz elle contra a sua regra. » —

Á REFLEXÃO 3.<sup>a</sup> — *Sobre o genero dos nomes.*

Quando os generos dos nomes não foram assignalados pela natureza das cousas, determinou-os o uso arbitrario das Linguas, e tão arbitrario (quando applicado aos objectos inanimados e sem sexo, e ás entidades moraes e metaphysicas) que de uma lingua para outra varia o genero de uma mesma cousa : é obvio o exemplo na palavra *mar*, que temos masculina, bem como os italianos, v. gr. no seu adagio, *loda il mare e tienti alla terra : gaba o mar, mas fica em terra*; já não é assim no idioma francez em que *la mer* é feminino; os hespanhoes fazem esta voz ora masculina ora feminina, é frequente dizerem *está la mar mui alta : o mar está muito empolado*. — Ha portanto muitas irregularidades na concordancia dos nomes, porque os adjectivos, que tem variações indicativas de genero, modificam-se forçosamente pelo substantivo : neste assumpto é geralmente juiz o uso, alem de servirem de norma as regras que se encontram nas grammaticas. — A primeira palavra que o nosso A. cita — *personagem*, é dos dous generos, posto que a praxe ordinaria só lhe dê um, tendo por si a regra, que passa por geral, de que os termos acabados em *gem* são femininos : igual genero tem pelo uso corrente *epigraphe, pyramide, catastrophe*, e do mesmo modo as figuras de rethorica apontadas neste artigo.

Não atinâmos com a rasão que moveu o A. a ir d'encontro aos Classicos, que escreveram *agua commum*, porque nada mais natural que fazer este adjectivo *commum de dous* negando-se-lhe a variação de genero feminino; ao passo que dizer *agua commua, casa commua*, são desagradaveis e pouco delicadas expressões; e não cremos que seja rasão bastante para as acreditar a analogia de *algum e nenhum*, mesmo porque ninguem hoje diz *algua, nenhua*. — Aos nomes acabados em *or* dão os modernos a variação feminina respectiva, no que o A. concorda, mas esqueceu-se de mencionar que sempre fazemos *commum* dos



dois generos os comparativos, *superior*, *inferior*, *ullerior*, *citerior*, *anterior*, *posterior*.

Quanto ás pertençações de Bluteau, citadas a pag. 11, a pratica constante dos doutos só adoptou *pilastra*, *escandalo*, e este ainda mais por ser *escandula* um plebeismo. — Quer o mesmo erudito theatino que se diga *anecdoto*, sem duvida fundado no adjectivo latino *anecdotus*, *a*, *um* (coisa que não está divulgada: que tal é o sentido restricto de *anecdota*), mas esta voz de origem grega passou do francez para a nossa lingua, e todos pronunciam *anecdota*. — *Scisma* usa-se no masculino quando designa *separação da unidade da igreja por diversidade de opiniões*, posto que haja exemplos antigos do contrario: só o fazemos do genero feminino no estylo familiar, querendo exprimir a apprehensão erronea de algumas pessoas, que é o primeiro grau da doudice.

Os nomes apontados no ultimo paragrapho da pag. 11 foram empregados pelos Classicos ora n'um ora n'outro genero; porem a mais seguida pratica decidiu-se pelo genero masculino, em rasão da indole dos significados dessas vozes, e sem lhe faltar nos escriptores de nota abonações seguras: exceptuaremos todavia *infante*, de que temos o feminino *infanta*, (designando pessoa real) igualmente com auctorisação classica.

Assim como o *A.* lembra ser *arvore* antigamente do genero masculino, podia tambem trazer á memoria *fim* que era do feminino, exemplo — «a morte de outro velho de igual idade parecia-lhe espias ou sinal de sua fim.» *Palmeir. d'Ingl.* p. 2.<sup>a</sup> cap. 136.

*Syrtes* se chamavam os bancos d'arêa movediços que tornavam mui perigoso um golpho, do mar da Lybia, tão infamado por naufragios que o seu nome generalisou-se a outros semelhantes baixos. — *Scylla* é um rochedo no estreito de Messina, fronteiro á voragem chamada *Charybdes*, dois grandes perigos para os navegantes n'aquelle passo; do que nasceu a phrase proverbial «fugir de *Scylla*, cair em *Charybdes*. Empregaram os nossos escriptores muitas vezes estes nomes, mas sempre no feminino como no latim donde os tiraram: não val portanto o



exemplo do P.<sup>o</sup> Chagas (citado a pag. 12) que contra todos os exemplos latinos e das outras linguas deu a Syrtes o genero masculino: do mesmo modo não seguiremos o P.<sup>o</sup> Godinho, que na Relação de sua viagem, cap. 28 *in princip.* escreveu:—“... passageiros, que escapando a poder de dinheiro do Scylla de Alepo iam dar no Charybdys de Alexandreta, onde o vice-bachá tinha logo aviso de quanto passára em Alepo, e sabendo que lá se tinha dado dinheiro não os deixava cá embarcar sem lhe darem outro tanto.—”

Não podemos negar que *torrente* tomando-se como substantivo é masculino; mas para dizer *a torrente*, como é vulgar, ha a desculpa dos participios substantivados, que allega Moraes, vide a palavra no seu Dicc.: em hespanhol e no italiano é substantivo masculino, e nesta ultima lingua ha o diminutivo *torrentello*.

Não assentimos á censura com que termina esta reflexão. *A moral* é a doutrina dos costumes: theologia, ou sciencia, moral. Podem-se adduzir sobre este ponto exemplos pró e contra; mas deve prevalecer o raciocinio. Entendemos que *moral* é um adjectivo substantivado. Dizemos *a moral*; subentende-se sciencia, ou acção &c. dizemos *o moral*, subentende-se procedimento, habito &c. — Se não concordarem com este nosso pensar, não seremos tão pertinazes como os propugnadores das formulas aristotelicas.

Á REFLEXÃO 5.<sup>a</sup> — Sobre o uso de alguns adverbios &c.

A respeito dos adverbios *nunca* e *jámais*, cumpre esclarecer os principiantes mais do que o A. fez, e mostrar o como se enganou notavelmente reprovando o uso dos dois reunidos.

*Nunca* traduz o latim *nunquam*, em nenhum tempo. *Jámais* é o latim *unquam*, em tempo algum, vez alguma. — *Nunca* leva consigo mesmo a negação: exemplo, este homem *nunca* me tratou mal: *Jámais* pede regularmente a negação expressa, para fazer a preposição negativa: exemplo, não farei *jámais* o que me pedis. — *Nunca* usa-se mais ordinariamente nas pro-



posições que exprimem um juizo positivo: *jámais* tem particularmente logar nas que exprimem interrogação, duvida, incerteza &c. — Algumas vezes ajuntam-se ambos os vocabulos na mesma phrase para dar mais energia á expressão: exemplo, *nunca jámais* vos deixarei. Estes adverbios usam-se ás vezes um pelo outro, como se as suas significações fossem identicas. Vid. *Ensaio sobre os Syn.* part. 1.<sup>a</sup> pag. 189.

A auctoridade dos Classicos, que o nosso A. tanto venera, levanta a censura de pleonasmio que elle impoz ao ajuntamento desses dois adverbios na mesma frase, porquanto vê-se que assim os empregaram para dar mais vigor á expressão: outro tanto praticam os hespanhoes: lê-se no Dicc. hespanhol, francez e latino de Gattel. « *Nunca jamas*, o mesmo que *nunca* podem com mais força. » — Vejam-se os exemplos que deste e outros usos dos mesmos adverbios traz o illustre A. do *Gloss. de palavras e fr. da Ling. franc.* pag. 80 e 81: acrescentaremos comtudo os seguintes. — « *Nunca jámais* n'aquelles claustros se experimentou nem sentiu ar contaminado &c. » Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Dom.* part. 1.<sup>a</sup> liv. 1.<sup>o</sup> cap. 26 pag. 59. — « O' candidissima formosura da Santa Fé! Vem e entra no meu coração, e n'elle estabelece teu assento immovel, para que *nunca jámais* te desempare &c. » P.<sup>o</sup> Man. Bernardes, *Paraiso dos Contemplativos*, pag. 58.

Cabe neste logar adduzir os *exemplos seguros*, que o A. não achou, das outras formulas adverbias, *mas porem* e *mas comtudo*, stygmatisadas tambem nesta reflexão, e a pag. 16, com a marca de erro de pleonasmio, apesar de usadissimas e bem auctorizadas. — Se o A., tão lido nas obras de Vieira que as cita a cada passo, não viu *nunca jámais* na carta 33, vol. 3.<sup>o</sup>, d'este mestre da lingua, muito menos achou as seguintes passagens de Camões.

*Mas porem* quando as gentes mauritanas, &c.

Lus. cant. 3.<sup>o</sup> est. 99.

*Mas porem* de pequenos animaes, &c.

Lus. cant. 6.<sup>o</sup> est. 18.



*Mas comtudo* não nego que Sampaio

Será no esforço illustre e sinalado,

Lus. cant. 10.<sup>o</sup> est. 59.

*Mas comtudo* com seu pensamento, quando lhe vem á vontade accarreta mil pensamentos vãos, que tudo para com ella é um lume de palhas, &c. — *Carta* 2.<sup>a</sup> escripta da India a um amigo.

Encontrámos portanto os exemplos em livros que não são de inferior nota.

O adverbio *acaso* com interrogação é correspondente a *por ventura* contra o sentir do A. Notai nas obras do veneravel P.<sup>o</sup> Chagas, 1 — 10, esta phrase. — “*Acaso* é o trazer plumas? . . . isso deu a natureza a uma ave.” E em Brito, *Chronica de Cist.* liv. 1.<sup>o</sup> cap. 3.<sup>o</sup> “Mas se *acaso* a comunidade fôr tal que em logar da modestia se veja nella dissolução &c.” — Consultai tambem Moraes verb. *porventura*.

Na mesma pag. 15 que vamos analisando inculca-se uma opinião a respeito de *assás* que não se acha convenientemente justificada. Confronte-se o que ahi se lê com as seguintes citações. — “A náu de Affonso de Albuquerque esteve sete relogios de mar em travez com *assás trabalho*, sem querer dar pelo leme.” *Comment. d’Albuq.* 1.<sup>o</sup> cap. 8.<sup>o</sup> — “O que ella muito de ordinario fazia e com *assás liberalidade* :” Fr. Luiz de Sousa. *Vid. do Arceb.* liv. 1.<sup>o</sup> cap. 2.<sup>o</sup> Entre outros, temos estes adagios : — *Assás caro* compra, quem roga. — *Assás escaço* é quem das palavras tem dó. — Conclue-se que se ajunta *assás* aos nomes e na accepção de *muito*, embora não se tome então por adverbio, mas como adjectivo significando *bastante*.

Reparâmos em que o A. incluiu nos adverbios as frases conjunctivas *posto que*, *ainda que*, que entram na classe das conjunções *adversativas*, isto é, que modificam as sentenças *por opposição* : os antigos grammaticos lhes chamavam *condicionaes*.

*Aqui d’elrei*. A respeito desta expressão vogam opiniões diversas : dizem alguns que é uma phrase ellyptica ; que a phrase por inteiro deve ser — *acudam aqui os da parte d’elrei* ; e que



por consequencia *áque d'elrei* é erro do vulgar. Com effeito escrever *áque d'elrei* será defeito, mas não sabemos se errará quem disser e escrever *ah que d'elrei*, que pode ser phrase ellyptica da mesma maneira, começando pela interjeição *ah*, e abbreviando, por exemplo, *ah que venham aqui os homens d'elrei!* Não nos decidimos, como o dictionarista Moraes, a taxar de erronea a expressão *ah que d'elrei*; ao contrario (alem do uso constante; que per si só não seria sufficiente) ha seguros exemplos não só della, como de identicas formulas de pedir auxilio, v. gr. *á que do povo!* *á que de Deus!* Vejam-se os exemplos no Dictionario publicado pela Academia das Sciencias, entre outros os de Ceita no plural, e tambem neste numero o unico de *aqui d'elreis*, de D. Francisco Manuel. — Ahi mesmo se declara ser esta uma formula adverbial com que se invoca e implora o favor d'elrei: — e n'outros casos uma interjeição de quem se admira: exemplo. “A' que d'elrei! vós vêdes aquellas meninas.” — *Jorg. Ferreira*, — *Ulysipo*.

Nos *Sermões genuinos* do P.<sup>e</sup> Chagas, 9, 225, encontra-se o seguinte periodo. — “Se os mesmos peccados são gritos, são brados, são *á que de Deus* tamanhos, que rasgam a região das nuvens.”

Á REFLEXÃO 6.<sup>a</sup> — *Sobre a terminação dos nomes diminutivos.*

Os diminutivos e os augmentativos são variações dos nomes, que modificam para mais ou para menos os significados sem alterar na substancia as ideas que representam: são poderosos auxiliares do discurso, principalmente em linguas tão harmoniosas, como a nossa, a hespanhola e a italiana, sobretudo sendo empregados com parcimonia e a proposito. — Ha casos em que os diminutivos dão muita graça á expressão nas phrases fluentes e naturaes; outros em que n'um estilo, ou affectuoso ou pathetico, em qualquer modo de dizer delicado e suave, não poderiam ommitir-se sem desfalque do mimo e agrado da elocução, e ás vezes dos movimentos oratorios. Poremos para exem-



plos: o remate da celebrada oitava de Camões, 28.<sup>a</sup> do canto 4.<sup>o</sup>

E as mães, que o som terrível escutaram,  
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Outro logar de tão insigne poeta; nas Rimas, Soneto 30, que principia:

Está o lascivo e doce passarinho,  
Com o biquinho as pennas ordenando,  
O verso sem medida, alegre e brando  
Expedindo no rustico raminho, &c.

No estilo familiar e comico é de muito apreço o uso elegante dos diminutivos, e entram felizmente nas ironias e motejos. Garcia de Resende, o chronista de D. João 2.<sup>o</sup>, mofando (na *Miscellanea*) das extravagancias de trajos do seu tempo (\*) accumulou todos estes diminutivos: —

Agora vemos capinhas,  
Muito curtos pelotinhos,  
Golpinhos e çapatinhos,  
Fundas, pequenas mulinhas,  
Gibõesinhos, barretinhos,  
Estreitas cabeçadinhas,  
Pequenas nominasinhas,  
Estreitinhas guarnições  
E muitas mais invenções  
Pois que tudo são cousinhas.

Para sermos mais explicitos que o nosso texto, continuaremos aproveitando algumas cousas do que nesta materia expendeu, em sua *Grammatica philosophica*, o sabio philologo Jeronimo Soares

(\*) Note-se de passagem ha que tempos isto vai, e o como em todos os seculos se alevantaram brados de censura contra as modas no vestuario &c.



Barbosa. — Os augmentativos são os que com mudança na terminação augmentam a significação de seus primitivos, ou quanto á quantidade ou quanto á qualidade: de ordinario acabam em *ão*, como *santarrão*, *beberrão*, ou em *az* como *velhacaz*, *villanaz*, ou em *aço*, como *bichaço*, *mestraço*; isto os masculinos; que os femininos tem pelo commum a terminação em *ona*, exemplo, *mocetona*, ou em *aça*, exemplo, *ricaça*. — Os diminutivos são os que mudando a terminação de seus primitivos lhes diminuem mais ou menos a significação: acabam em *inho*, ou *inha*, como de *peixe*, *peixinho*; de *casa* *casinha*; em *zinho* quando os primitivos rematam em dithongo, para se evitar o hiato pelo concurso de tres vogaes; v. gr., de *leão*, *leõesinho*, de *pái*, *páisinho*; igual terminação tem os nomes que acabam em consoante, posto que algumas excepções se notam em que ha dois diminutivos da mesma palavra por diversa terminação: exemplo, de *casa* tambem ha *casinhola*, de *peixe* tambem ha *peixesinho*. Ha-os findos em *ête*, como *pobrête*, de que temos igualmente *pobresinho*: em *êta*, *ote*, e *ota*, exemplo, *ilhêta*, *ilhote*, *ilhota*, que todos significam o mesmo, podendo alem delles ajuntar-se *ilhêu* na mesma accepção: de *arca* se tem feito *arquinha*, *arquêta*, *arquilha*, e *arquêta* masculino. Vemos que os ha em *ilha*, como de *cama*, *camilha*, de que é mais vulgar *caminha*: raros são os em *ôto*, exemplo *perdigôto*.

Em summa, em tal assumpto só a muita lição, e atilado ouvido para attender á euphonia do periodo, podem ser guias prudentes. E' reprehensivel o abuso popular de fazer a cada passo diminutivos em *ito* e *ico*, mais proprios do idioma hespanhol que do nosso.

Não tem razão o nosso A. em dizer (pag. 17) « — *abanico* e não *abaninho* » — porquanto se o primeiro é mais frequente, o segundo tambem se usa e o traz João Baptista Lavanha, na Viagem de Philippe 2.<sup>o</sup>, fol. 69. — Não a tem, onde, na pag. immediata, escreve « — de *pastor* *pastorsinho* e não *pastorinho* como alguns dizem » — bons escriptores, entre elles Vieira e Fr. Luiz de Sousa, usam ora d'uma, ora de outra modificação. De *flôr* tambem ha *florinha*, e de *monte*, *montinho* e *monticulo*. De